

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS



Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



MODALIDADE RELATO DE EXPERIÊNCIA

**E SE O MUNDO COUBESSE EM TODOS OS CORPOS? infâncias, gêneros e
imaginação na pré-escola**

Jaqueline da Costa Barros¹
Susy Kelly Azevedo de Melo²

Resumo: Este é um relato de experiência de uma intervenção pedagógica realizada em duas turmas de pré-escola na rede pública municipal no interior do Maranhão. O objetivo da atividade foi problematizar estereótipos de gênero e ampliar as possibilidades de expressão das crianças. A proposta parte da compreensão das infâncias como experiências plurais e da noção de gênero como construção social, dialogando com autores dos estudos da infância e dos estudos de gênero. A metodologia foi organizada em três momentos: leitura de obras literárias, produção gráfica e vivências lúdicas coletivas. No primeiro encontro, as crianças discutiram papéis de gênero a partir da obra *Feminina de menina, masculino de menino*, refletindo sobre diferenças e igualdade no brincar. No segundo momento, o conceito de “princesa” foi problematizado por meio da obra *Até as princesas soltam pum e de produções audiovisuais*, culminando em desenhos sobre sonhos e projetos de vida. No terceiro encontro, foram organizadas estações de brincadeiras livres, sem divisão por gênero, permitindo observar como as crianças se apropriam dos espaços e interagem entre si. O projeto evidenciou que, quando mediadas por práticas pedagógicas sensíveis, as crianças questionam normas de gênero, ampliam suas imaginações sobre quem podem ser e experimentam formas mais equitativas de convivência, reforçando a escola como espaço de diversidade, respeito e liberdade de brincar.

Palavras-chave: Corpos; Infâncias; Relações de gênero.

INTRODUÇÃO

A escola é um dos primeiros palcos onde as crianças performam quem são e quem podem vir a ser. Nesse território são vivenciadas inúmeras experiências a partir de crenças, regras e expectativas sobre o que “meninos” e “meninas” devem fazer, vestir, falar, sonhar e inibir. O presente texto é o relato de experiência de um projeto de intervenção pedagógica, fruto da participação das autoras no curso *Corpos e Diversidade na Educação*, oferecido pela Universidade Federal do Maranhão, no ano de 2025. O referido projeto nasceu do desejo destas profissionais/cursistas alargarem as fronteiras percebidas em seu espaço de trabalho,

¹ Mestranda em Educação, pela Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz/MA. Pesquisa sobre Infâncias, Gêneros e Sexualidades. Email: professorajaquelinecbarros@gmail.com.

² Doutoranda em Educação, pela Universidade São Francisco, campus Itatiba/SP. Pesquisa sobre Narrativas, Gêneros e Sexualidades. Email: susyaazevedo@gmail.com.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



uma escola municipal de educação infantil, onde uma é professora da pré-escola 2 e a outra é pedagoga institucional. Com a delicadeza curiosa das infâncias e o rigor ético que a educação demanda, propusemos vivências que questionam estereótipos de gêneros, ampliam percepções e cultivam atitudes de respeito às diferenças.

A intervenção dialogou com autoras e autores que compreendem as infâncias como experiência plural, como Sarmento (2004) e Kuhlmann Júnior (2010), que reconhece as crianças como sujeitos culturais, e com estudiosas da educação para equidade de gênero como Louro (1997, 2000, 2022), Butler (2024), Scott (1995), que apontam que as normas de gênero são construções sociais e, portanto, podem (e devem) ser problematizadas desde cedo, sempre de forma ética, cuidadosa e lúdica, respeitando a especificidade da criança.

Ao valorizar narrativas, conversas, imagens e brincadeiras, a intervenção reconheceu que crianças constroem sentidos pelo corpo, pela fala e pela imaginação. Assim, a proposta se organizou em três momentos integrados, com atividades que partiram de leituras literárias, expressão gráfica e uma vivência coletiva entre as duas turmas, e que abriram espaço para que cada criança descobrisse, ao seu modo, que há diferentes maneiras de ser, existir e sonhar.

METODOLOGIA

A intervenção pedagógica foi desenvolvida em três momentos em dias distintos, cada momento teve duração de duas horas, iniciando às 15h30min e finalizando às 17h30min, horário de saída das crianças. A primeira ação foi a apresentação da proposta à equipe diretiva da escola e à professora da outra turma da pré-escola 2, onde a proposta seria desenvolvida. Neste momento foi definido o calendário das atividades, sistematizado o material a ser utilizado e realizado o mapeamento dos espaços a serem utilizados.

No primeiro dia com as crianças, as convidamos para uma roda de conversa, onde lhes apresentamos o tema da proposta e as incentivamos a falar sobre o que elas imaginavam que aconteceria durante este encontro. Em seguida, realizamos a leitura da obra *Feminina de menina, masculino de menino*, de autoria de Márcia Leite com ilustrações de Sônia Magalhães, que fala sobre as construções de gênero, diferenças e comportamentos de crianças situadas no século XXI, e incentiva a desconstrução de estereótipos, de forma divertida e

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



partir do vocabulário infantil. Ao final da leitura, as crianças compartilharam suas impressões e discutiram sobre papéis de gêneros, problematizando sobre o que meninos e meninas podem ser e viver. Este momento foi rico, pois as crianças compartilharam situações vivenciadas em casa, falas já internalizadas por elas, conversas que elas já haviam presenciado e ideias já construídas a partir de uma visão naturalizada do que é ser menino e ser menina.

Após a roda de conversa, foram dispostos no meio da sala dois cartazes grandes, em cada cartaz uma criança deitou e fizemos o contorno do seu corpo, sendo um cartaz correspondente ao contorno de um menino, e o outro, de uma menina. Em seguida foram entregues revistas para que as crianças encontrassem imagens de coisas que elas acreditam ser de “menino” e coisas de “menina”, a turma foi dividida em dois grupos, onde os integrantes foram organizados pelas próprias crianças, cada grupo fez sua pesquisa e colagem de forma coletiva. Além da colagem, as crianças também puderam fazer desenhos. Ao final, os dois cartazes foram expostos e em roda de conversa, dialogamos sobre as produções e pedimos que falassem sobre a experiência. A partir disso, refletimos com elas sobre os papéis atribuídos aos gêneros, que meninos e meninas apresentam diferenças, e que as diferenças devem ser respeitadas e não podem ser empecilho para compartilhar os mesmos espaços, brinquedos, brincadeiras, objetos, roupas ou cores que gostem.

No segundo encontro com as crianças, iniciamos lembrando o que fizemos anteriormente, e demos início à proposta do dia, apresentando uma imagem de uma princesa de contos de fadas muito conhecida entre as crianças, pedimos que elas falassem sobre como acham que as princesas devem ser, o que elas, as princesas, podem e o que não podem fazer. Acolhemos as falas das crianças e apresentamos a obra *Até as princesas soltam pum*, de autoria de Ilan Brenmam e Ionit Zilberman. Esta obra apresenta possibilidades para repensar o conceito de princesa, delicada, meiga, reservada, que muitas vezes é incentivado em meninas e mulheres como sendo próprio do gênero feminino, visão esta, que determina padrões a serem seguidos e que marginaliza aquelas/es que não se adequam à norma, sendo vistas/os/ como inadequadas/os ou esquisitas/os.

Após esse momento, convidamos as crianças a assistirem ao vídeo *O céu eu vou tocar*, presente na animação *Valente*, que retrata a vida de uma princesa chamada Merida, que sonha

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



em ser uma guerreira e viver muitas aventuras, mas encontra dificuldades pois seus pais acreditam que seu futuro ideal é casar e ter filhos, em seguida, assistimos também ao trailer musical do filme *Moana*, neste momento todas as crianças começaram a cantar a música com muita empolgação, e ao final pediram para repetir a cena que mostra uma princesa que sonha em viver aventuras no oceano. Diante disso, refletimos com as crianças sobre seus sonhos, e o que querem viver e ser quando crescerem, convidamos a turma a produzirem um desenho sobre um sonho que gostariam de realizar, ao final, elas socializaram suas produções.

No terceiro e último encontro, organizamos cantos diversificados para que as crianças brincassem livremente de acordo com seus gostos, deixamos que elas circulassem livremente no espaço organizado e observamos sem estipular nenhum tipo de divisão por gênero, os cantos organizados foram: a) Estação ambulatório médico; b) Estação escritório; c) Estação cuidados com o corpo (salão de beleza); d) Estação criativa (fantasias); e) Estação Construção Livre (blocos, caixas e peças de montar).

Cada grupo circulou por 10 minutos em cada estação. Em seguida, conversamos com as crianças sobre como se sentiram em relação aos espaços, quais mais gostaram, se foi bom dividir espaços com os/as colegas, se meninas e meninos conseguiram brincar juntos dividindo espaços e brinquedos, finalizamos reforçando que a escola, o pátio, brinquedos e brincadeiras são de todos e todas, e que o brincar é livre. A seguir apresentamos os resultados e discussões da proposta de intervenção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ensinar sobre gênero para crianças pequenas é uma ação que requer entender que, a escola não é um espaço de apenas transmissão de conteúdos, mas também de construções subjetivas, e que somos seres múltiplos num constante processo de construção de identidade, influenciados por narrativas e relações que vivemos nos mais diversos ambientes, a escola é um desses ambientes. Nela, as crianças já performam o seu gênero e ditam regras de comportamento entre si, por este motivo se faz necessário discutir sobre estas relações, ainda

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



que em muitas situações, o ambiente escolar se apresente como desafiador, por vezes hostil e carregado de tabus e preconceitos.

Um dos fortes elementos dificultador dessa discussão é a crença generalizada de que tais questões são de âmbito privado, e não público, e, portanto, devem permanecer sob tutela das famílias. As poucas iniciativas que o Estado tem em promover tais discussões no âmbito escolar são recebidas com debates acalorados da sociedade como um todo; e muita energia se gasta, faltando fôlego para pensar em educar de fato crianças e adolescentes para um autoconhecimento do ponto de vista dos gêneros e da sexualidade e tolerância com as questões da diferença. (Brito et al, 2025, p.9)

Durante a experiência na intervenção, muitas falas das crianças demonstraram uma padronização dos comportamentos que elas mesmas reforçavam entre si, por exemplo, “meninas são choronas” “ meninas devem ser delicadas” “ macho não chora” “ rosa é cor de menina” , ainda na infância, a criança é incentivada a reproduzir padrões, estereótipos e símbolos para performar o seu gênero. Nas falas das crianças é possível perceber demarcação de binarismo quando dizem que azul é de menino e rosa é de menina, quando afirmam que menino não chora e meninas são choronas, ou quando separam os brinquedos como brinquedos de menina e brinquedos de menino, Melo (2025) reflete,

Numa sociedade pautada no patriarcado, meninos e meninas sofrem violência de modos diferentes. Se por um lado, as meninas são cerceadas desde a infância em seu brincar, em suas expressões, em sua liberdade e fantasia, por outro lado, meninos que não podem expressar seus sentimentos, suas frustrações, suas fraquezas, manifestar-se fora do script são constantemente estimulados ao uso da violência, inclusive por meio das brincadeiras, como linguagem socialmente aceita. (Melo, 2025, p.116)

Assim, desde a infância as crianças são incentivadas a se comportarem seguindo padrões, algo observado durante a dinâmica do terceiro encontro, foi que poucos meninos circularam nos espaços de salão de beleza e fantasias, já as meninas circularam em todos os espaços, ao questionar um menino do motivo de não ter visitado estes cantos ele respondeu “Só tinha coisa de menina”, nesse momento incentivamos a criança a refletir sobre cuidados com o corpo que devem ser feitos por meninas e meninos, ir ao salão é uma forma de manter o seu corpo bonito, higienizado e que meninos também podem cuidar da sua aparência, a

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIIDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



negação e rejeição ao espaço que é considerado diferente também é algo que precisa ser problematizado. É importante pensar nessas separações e muitas vezes negações ao gênero oposto, pois dessas falas podem surgir desvalorização e desrespeito com relação à forma de ser do outro, por isso a necessidade e urgência em se discutir questões relacionadas ao gênero, visto que na sociedade ainda impera o machismo fruto de uma sociedade patriarcal, que coloca os homens como centro de todo poder e privilégio nas mais diversas dimensões, social, política e histórica, falar sobre gênero também é discutir sobre respeito e igualdade.

Dentre os diálogos houve o destaque para a fala de uma criança, um menino, que ao refletir sobre o que meninos e meninas gostam, recordou que havia acompanhado no noticiário uma violência cometida contra uma mulher. O caso repercutiu muito e a criança demonstrou muito espanto ao lembrar que um homem, em seu carro, havia atropelado e arrastado por cerca de um quilômetro, uma mulher pelo motivo dela não querer mais se relacionar com ele.

A violência é um fenômeno de ordem histórica e cultural, baseada nas relações de poder, manifestado em todas as sociedades de forma diferenciada. Em suas múltiplas faces esse fenômeno atinge todas as pessoas no composto social onde seus reflexos são profundos na vida de quem vivencia, seja na condição de agente, observador/a ou passivo/a. (Albuquerque; Dias; Moura; 2025, p. 77)

Ao se deparar com esta notícia, a criança também se confronta com a violência, e é capaz de problematizar “ele fez isso só porque ela não quis namorar com ele”. Para esta criança, a ação violenta não se justificava de forma alguma. As demais crianças, ao perceberem sua angústia ao rememorar o ocorrido, ficaram tristes junto com o colega. Imediatamente começaram a nomear coisas que não se pode fazer contra as meninas e contra as mulheres. Ao passo que elencaram situações do cotidiano escolar, como: “não pode empurrar”, “não pode zuar”, “não pode puxar o cabelo” etc, e ao final da lista elaborada oralmente por elas, o mesmo menino afirmou categoricamente “não pode matar”. Tempos depois tivemos a notícia, que a jovem, na noite de natal, faleceu. Discutir gêneros é portanto, a ordem do dia no cotidiano escolar.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



CONCLUSÕES

A experiência demonstrou que práticas pedagógicas intencionais e mediadas pela literatura, pela conversa e pelo brincar têm potência para tensionar estereótipos de gênero desde a educação infantil, promovendo reflexões críticas de forma lúdica e ética. As crianças sugeriram capacidade de problematizar normas de gênero, ressignificar papéis sociais e expressar sonhos que ultrapassam expectativas tradicionais, evidenciando a importância de intervenções educativas que ampliem horizontes simbólicos e subjetivos.

A integração entre turmas e a organização de espaços de brincadeira sem divisão de gênero favoreceram interações mais colaborativas e inclusivas, reforçando o brincar como linguagem fundamental para a construção de sentidos sobre si e sobre o outro. O relato reafirma a escola como território de produção cultural e política, onde é possível cultivar práticas de equidade, respeito às diferenças e reconhecimento das infâncias como sujeitos ativos na construção de suas identidades.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Zelia Sousa de; DIAS, Adriana da Silva; MOURA, Jónata Ferreira de. Violências de gênero na escola: o que são e como combater? In: SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da; ALBUQUERQUE, Zeila Sousa. **Corpos e diversidade na educação**: caderno pedagógico, EDUFMA, 2025.

BRENNMAN, Ilan; ZILMBERMAN, Ionit. **Até as princesas soltam pum**. São Paulo: Editorial Moderna (paradidáticos), 2023.

BRITO, John Jamerson da Silva; MOURA, Jónata Ferreira de; PANTOJA, Vanda. Narrativas de crianças sobre as construções binárias e normativas de gêneros. **Caderno CRH**, Salvador, v. 38, p. 1-22, e025063, 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/ccrh.v38i0.56726>

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 27ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

KUHLMANN JÚNIOR. M. Infância e educação infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 2010.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



LEITE, Márcia; MAGALHÃES, Sônia. **Feminina de menina, masculino de menino**. São Paulo: Leya Brasil, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. p. 07-34.

MELO, Susy Kelly Azevedo de. **Narrativas de professoras da educação infantil sobre gêneros e sexualidades em uma escola pública municipal de Imperatriz/MA**. 2025, 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2025. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/6549/statistics> Acesso em: 02 fev. 2026.

SARMENTO, Manuel Jacinto (2004). As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade, In SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. (orgs.), **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto. Asa. (9-34)

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.